

## UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO: CASOS DE AFÉRESE<sup>1</sup> NO SÍTIO ARISCO

Edna Ranielly do Nascimento Fernandes

(Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: niellynascimento00@gmail.com)

**Resumo:** Inúmeros são os estudos linguísticos em diferentes áreas da linguística. Alguns são pautados no eixo estrutural e outros no eixo social. A Sociolinguística variacionista está inserida no segundo eixo e por isso abarca o nosso estudo sobre os casos de Aférese no Sítio Arisco/PB, tendo em vista que buscamos analisar a influência dos fatores sociais na variação e mudança linguística, além da quantificação dos dados. Para tal feito, utilizamos a pesquisa bibliográfica, a entrevista semiestruturada e a quantificação de dados no Excel. A pesquisa nos permitiu detectar a grande influência que os fatores externos exercem sobre a língua, afinal, as variáveis escolaridade, idade, eixo geográfico e grau de monitoramento contribuíram com os casos de Aférese.

**Palavras-chave:** Variação e mudança, fatores externos, aférese.

### Introdução

A língua é viva, rápida, mutável e se renova a cada dia. Contudo, a teoria laboviana causou revoluções nos estudos linguísticos, pois mostrou a língua sob uma perspectiva externa. Eis que surgem os estudos sociolinguísticos que, aos poucos, vêm ganhando o seu espaço no espaço científico.

Através da Sociolinguística os pesquisadores passam a se preocupar com os fatores externos, vendo-os como condicionadores da mudança linguística e surgem, assim, inúmeras pesquisas campo, com a finalidade de detectar as variações em uma determinada comunidade e a sua relação com elementos que ultrapassam as barreiras internas da língua, como idade, sexo, faixa etária, status socioeconômico e outros.

A pesquisa crucial deste momento de transição entre estudo interno e externo da língua foi sem dúvida a publicada por Labov (2008) em 1963, visto que, além de inserir o aspecto social no estudo científico da língua, mostrou como fazê-lo.

Mediante estas informações, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar os aspectos sociais que influenciam as variações ou mudanças linguísticas. Almejamos, como objeto específico, quantificar os dados fonéticos coletados.

---

<sup>1</sup> A Aférese é um termo utilizado na Sociolinguística variacionista para designar uma “mudança linguística em que se elimina o início da palavra, como em enamorar para namorar, em até para té; a palavra assim formada” (BUENO, 2009, p.44-45).

## Metodologia

Inicialmente, nos propomos a fazer uma pesquisa bibliográfica acerca da teoria proposta por Labov (2008).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Através da citação acima, é possível ressaltar a importância do estudo bibliográfico para qualquer pesquisa científica, dado que ela é indispensável para a construção teórica do texto. Isso justifica a nossa pesquisa sobre a Sociolinguística variacionista em livros que discorressem sobre o tema.

Além da pesquisa bibliográfica, utilizamos, também, entrevistas semiestruturadas (LIBERALI e LIBERALI, 2011) com falantes do Sítio Arisco<sup>2</sup>.

FALANTE	
ALS	MDC
JAS	MFS
JFS	MWFS
JLFS	NCS
LSS	NCCS
RAE	RES
SG	

Tabela 1. Iniciais dos falantes entrevistados. Fonte: autora.

Foram escolhidos apenas treze falantes devido ao fato de que, nem todos os moradores se disponibilizaram a contribuir com o estudo realizado, ao mesmo tempo em que, o número de informantes foi suficiente para alcançar os objetivos da pesquisa.

<sup>2</sup> Pequena comunidade localizada no município de Lagoa de Dentro/PB. O local apresenta poucos recursos de saneamento básico e a população apresenta certa carência socioeconômica.

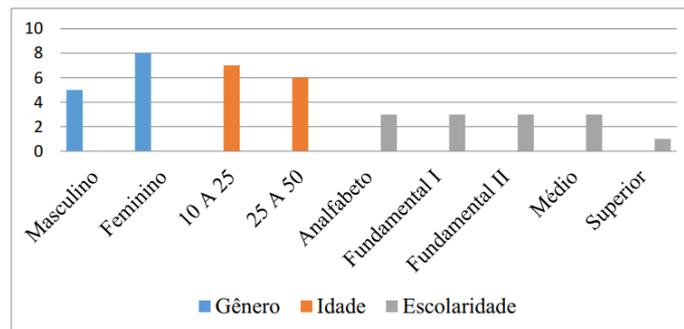


Gráfico 1. Distribuição dos falantes por células sociais. Fonte: autora.

O gráfico e a tabela especificam cada tipo de falante conforme idade, sexo e escolaridade. Podemos constatar que o conjunto de falantes é constituído mais por mulheres do que por homens, com pessoas mais jovens e com escolaridade na mesma proporção (3 para cada nível), exceto o nível superior que foi mais difícil de encontrar na comunidade, por isso, temos apenas um falante como representante desse grupo.

Após finalizar as entrevistas, o material foi salvo no notebook e em CD-ROOM para análises posteriores. Essas análises foram ouvidas no programa Windows Media Player e logo em seguida transcritas ortograficamente e separadas em pastas específicas do Word 2013.

Depois da transcrição ortográfica completa buscou-se recortar o áudio concernente ao fenômeno fonético almejado, para transcrições fonéticas logo a seguir. Por fim, fez-se a contagem dos fenômenos encontrados em cada modalidade e por falantes específicos. A contagem foi distribuída no Word 2013 e transformada em gráficos na modalidade pizza e linhas, através do programa Excel.

## Resultados e discussão

Antes de apresentarmos os dados coletados no Sítio Arisco/PB, faz-se necessário discutir, ainda que de modo sintetizado, noções básicas sobre a Sociolinguística variacionista e sobre a conceituação do próprio fenômeno estudado.

De acordo com Cezario e Votre (2011, p.141, grifos nossos):

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu **uso real**, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do **contexto situacional**, da **cultura** e da **história das pessoas** que a utilizam como meio de comunicação.

Observe que os autores defendem um estudo da língua pautado no seu uso real, consequentemente é necessário repensarmos a teoria da homogeneidade abarcada pelos estruturalistas Saussureanos e gerativistas Chomskyanos. Saussure (2013), ao propor o estudo da língua fora do plano histórico, excluiu outros fatores importantes, a aludir os elementos sociais. Chomsky, conforme Chagas (2006), por sua vez, focava de forma destacável na relação entre língua e mente num processo que não abraçava o falante em seu contexto real.

Não almejamos diante do que foi aqui exposto, desmerecer ou invalidar os estudos de tais teóricos, mas alertar para certas limitações presente na teoria de ambos. Em síntese, a teoria da homogeneidade linguística impede que a língua seja estudada de forma contextualizada. O que acarreta, consequentemente, em uma visão limitada de língua e desvalorização das múltiplas formas de expressar um mesmo sentido (COELHO et al, 2010).

Na década de 60 surge Labov (2008), o precursor da Sociolinguística variacionista, disposto a quebrar os parâmetros e a propor novas visões linguísticas. De acordo com o teórico, as línguas apresentam variações que acarretam em mudanças (CHAGAS, 2006; LABOV, 2008). Mudança, estas, que podem, em muitos casos, ser explicadas conforme o meio social no qual o falante vive. Afinal, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 p.21).

Ele reforça ainda mais a sua teoria ao afirmar numa entrevista realizada pela Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL (2007), que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua, “[...] o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística.”, ou seja, para conhecer as mudanças linguísticas é preciso valorizar o momento situacional em que a língua se encontra e o processo histórico decorrido para a sua formação. Contudo, isto não significa dizer, que devemos “abolir” a ideia de que a língua apresenta uma ordem interna, mas que esta ordem interna não é única e exclusiva. Existem ordens externas que precisam ser consideradas.

De acordo com Preti (2003) há diferentes tipos de variações extralinguísticas que estão no campo da ordem externa já mencionada. Estas são as variações geográficas, as sociológicas e as contextuais. As variações geográficas estão situadas no campo das variantes regionais; as variações sociológicas, por sua vez, são compostas pela variável idade, sexo, profissão, escolaridade, classe social etc.; por último, temos as variações contextuais que

pertencem ao campo do assunto, do espaço diológico, entre outros.

Tais variações foram abarcadas sob o viés da corrente teórica laboviana. À vista disso, podemos afirmar que os estudos de Labov marcou o início de uma ciência, capaz de visualizar os fatores externos como condicionadores na produção da mudança linguística. Os condicionadores linguísticos podem ser de ordem interna (variáveis dependentes) ou de ordem externa (variáveis independentes), de acordo com Coelho et al (2010).

Agora que já temos noções básicas sobre a Sociolinguística quantitativa, resta-nos discorrer sobre o nosso objeto de pesquisa. A aférese é um fenômeno que causa uma mudança na palavra, ao suprimir alguns elementos constituintes da mesma. Sobre isso, Dubois et al (2006, p. 29) diz que “a aférese é uma mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra”. Entende-se, portanto, que tal fenômeno consiste num rompimento fonético no princípio da palavra. Ainda mediado por Dubois et al (2006), podemos afirmar que a aférese é um processo comum não somente no PB, como em outras línguas, a mencionar o italiano.

Em solo brasileiro podemos detectar inúmeras palavras que sofrem o processo de aférese. O aludido autor (2006) por exemplo, cita a palavra você e senhor como elementos característicos de tal processo, já que, em alguns contextos sociais específicos, encontramos a variante cê e nhô para as resignadas palavras. Entretanto, o acervo linguístico do fenômeno não se resume apenas a estes léxicos, afinal, inúmeros outros termos foram encontrados nas entrevistas realizadas no Sítio Arisco e serão mais bem explanadas sob o viés de tabelas e gráficos, a seguir.

#### 3.1.1.1 Gráficos

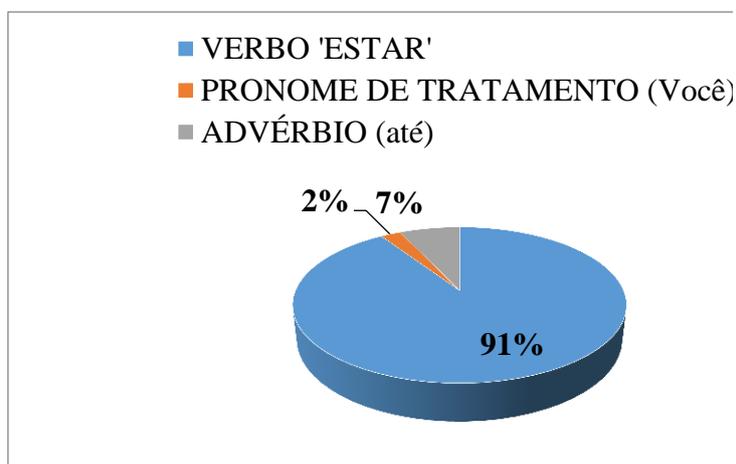


Gráfico 2. Representação dos casos de Aférese. Fonte: autora.

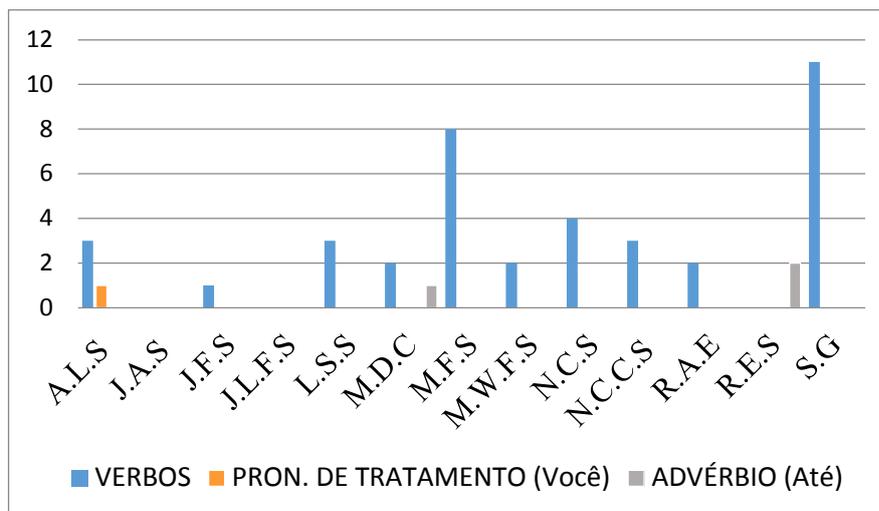


Gráfico 3. Ocorrências individuais de Aférese. Fonte: autora.

### Observações

Por intermédio dos gráficos podemos abonar que a ocorrência da aférese no Sítio Arisco deu-se fortemente em contextos verbais, mais especificamente em léxicos que constituem o verbo “Estar”. Já que no gráfico 1, temos 91% dos casos situados no verbo “estar”, apenas 2% nas formas pronominais (você) e 7% nas formas adverbiais (até).

O gráfico 3, permite ainda restringir estas ocorrências a falantes específicos. Como por exemplo, os falantes S.G e M.F. S que apresentam o maior índice de ocorrência da Aférese em contextos verbais. Com o objetivo de melhor explicar a ocorrência predominante da Aférese em contexto verbal pelos devidos falantes, podemos mencionar Naro (2007, P. 45):

Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua há apenas vinte e cinco anos [...].

A citação serve para constatar que os falantes S.G e M.F. S representam a língua entre 29 e 18 anos. Já que o primeiro tem apenas 33 anos de idade, enquanto a segunda tem 44 anos, ambos com baixo índice escolar e inserido no contínuo rural. Observe que entre um falante e outro há 11 anos de diferença, o que prova que a Aférese já ocorria a 29 anos atrás e continuou perpassando para as gerações posteriores.

É possível afirmar, também, diante dos dados que a Aférese no verbo infinitivo ocorre em todos os grupos etários, grau escolar etc. Por isso é considerado uma variação gradual<sup>3</sup> por Bortoni-Ricardo (2004; 2005), não há, portanto, uma “estigmatização” social ou ideológica por parte dos falantes da língua. (BORTONI-RICARDO, 2004). O que interfere nos resultados na verdade é o grau de monitoramento dos falantes, ou seja, é o grau que mais se distancia da formalidade e o que mais se aproxima devido a situação interacional. Os falantes S.G e M.F. S simplesmente agiram de forma mais espontânea diante das gravações e não se preocuparam em monitorar a oralização do verbo estar, ao contrário dos demais falantes que preferiram transitar entre a forma padronizada e a variável, ou até mesmo não utilizaram o verbo em grande escala na pesquisa.

Não podemos alegar o mesmo da forma adverbial “té/até e do pronome cê/você”. Isso porque, estes léxicos ainda sofrem certo desprestígio social em algumas regiões brasileiras. Apesar da variante [té] ocorrer entre falantes de grau escolar elevado, ainda não é visualizado de forma positiva pela sociedade, assim como a sua outra variante “inté”, ocorrente até mesmo nos Lusíadas, e ainda assim menosprezada. Por isso, essa variação é considerada como um traço descontínuo<sup>4</sup>, por ter maiores ocorrências no contexto rural. (BORTONI-RICARDO, 2014).

Quanto ao [cê] pode-se declarar que, “o pronome de tratamento *você* deriva do tratamento antigo “Vossa mercê”, que obedeceu ao seguinte percurso: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > o (cê). As formas “ocê” e “cê” são muito usadas em estilos não monitorados por todos os brasileiros” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.55). Devido ao seu uso constante por parte dos diferentes tipos de falantes brasileiros, a variável compõe o grupo de traços graduais. Entretanto, apesar de não ser um traço descontínuo, não deixa de ser alvo de certo preconceito linguístico.

Na pesquisa apenas o falante A.L. S utilizou o termo “cê”, enquanto M.D. C utilizou “té” uma vez e R.E.S fez uso do “té” duas vezes. A.L.S é o mais velho dos três (47 anos), enquanto R.E.S é a mais nova do grupo (24 anos). Pode-se afirmar que o fator escolaridade/idade interferiu no resultado pronominal “você”, visto que o primeiro falante é o único analfabeto do grupo e um dos mais velhos do grupo, a segunda tem o Ensino Médio completo e a terceira o nível superior. Portanto, é verdade que a sua ocorrência dá-se de forma muito ampla mais o fator escolaridade aumenta ou diminui as possibilidades de se inserir no

<sup>3</sup> Os [...] “traços linguísticos graduais [...] estão presentes no repertório de todos os grupos sociais, variando apenas a sua frequência [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005 P.137).

<sup>4</sup> “Os traços descontínuos marcam o repertório de grupos isolados, de raízes rurais, e são muito estigmatizados”. (BORTONI-RICARDO, 2005 P. 137).

contexto conversacional do falante. Quanto aos demais falantes não foi detectado o léxico “Você” na pesquisa, nem na sua forma padrão, nem tão pouco na forma variante.

Conformes os dados referentes à ocorrência da forma adverbial “té” precisamos alegar que, mesmo diante de falantes com grau escolar elevado (Ensino Médio e Ensino Superior), ambos vivem mais no contínuo rural do que no urbano, e como alega Bortoni-Ricardo (2004), além da idade, gênero, status socioeconômico, escolaridade e profissão, temos ainda o fator eixo geográfico que influi na forma como usamos a língua, ou seja, as pessoas com quem um determinado indivíduo se relaciona socialmente também influirão na forma escolhida para expressar o léxico da sua língua materna.

Diante das informações anteriores, os falantes do eixo geográfico predominantemente rural estão a preservar uma forma (té) arcaica da língua, fenômeno típico das regiões rurais.

## **Conclusão**

O estudo realizado nos permitiu concluir que os fatores externos exercem enorme influência sobre a mutabilidade da língua, algo defendido por Labov (2008) em suas pesquisas sociolinguísticas.

Ao coletar o fenômeno Aférese, percebemos que as formas associadas ao verbo estar são muito comuns entre os falantes e que na pesquisa, dos 13 falantes entrevistados, apenas três não fizeram uso da aférese nesta modalidade. Neste caso não usamos o fator escolaridade ou idade como interferente, mas apenas o grau de monitoramento. Na forma adverbial (até/té) e pronominal (você/cê), por sua vez, detectamos o eixo geográfico como explicação para o uso da forma té por falantes com um grau escolar elevado, e a escolaridade/idade para o uso da forma cê, já que dentre todos os falantes, o indivíduo com maior idade e menor escolaridade foram os que fizeram uso dessa forma linguística.

Em síntese, esperamos que este trabalho possa contribuir com os estudos na área da Sociolinguística variacionista, bem como, possa auxiliar os profissionais do ensino básico ou profissionais de áreas afins.

## **Referências**

BORTONI-RICARDO, S.M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BUENO, S. **Dicionário global escolar da Língua Portuguesa.** 3ª ed. São Paulo: Global editora, 2009.

CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (org). **Manual de Linguística.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DUBOIS, J. [et al]. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

LIBERALI, F.C; LIBERALI, A.R.A. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências.** Revista das Faculdades Integradas Coração de Jesus. Santo André, SP, v.1, n.1, p.17-33, jun./dez. 2011. Disponível em <<http://www.fainc.com.br/interfainc/revista/inter01.pdf>>. Acesso em 30 de novembro de 2014.

LABOV, W. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos.** BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* (Trads). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** 3. ed São Paulo: Contexto, 2007.

PRETI, D. **Sociolinguística: Os níveis da fala: Um estudo sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira.** 9.ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.